

O calvinismo na prática
Uma introdução à herança reformada e presbiteriana

ORGANIZADO POR PETER A. LILBACK





O Calvinismo na Prática

UMA INTRODUÇÃO À HERANÇA REFORMADA E PRESBITERIANA

ORGANIZADO POR PETER LILLBACK

DAVID POWLISON, JAY ADAMS,
JOEL BEEKE, JOSEPH PIPA JR.,
PHIL RYKEN, ROBERT GODFREY,
SINCLAIR FERGUSON E OUTROS

O calvinismo na prática © 2011, Editora Cultura Cristã. Título original em inglês *The Practical Calvinist* © 2002, Peter Lillback (org.). Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2011 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Ageu Cirilo de Magalhães Jr.
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fabiano Almeida de Oliveira
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Tarcizio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial

Tradução
Charles Marcelino
Revisão
Wendell Lessa
Wilton Lima
Claudete Água
Wilson Ferreira de Souza Neto
Editoração
Lidia de Oliveira Dutra
Capa
Magno Paganelli

L728c Lillback, Peter

O calvinismo na prática / Peter Lillback; traduzido por Charles Marcelino.
São Paulo: Cultura Cristã, 2011

368 p.: 16x23cm

Tradução The practical Calvinist

ISBN 978-85-7622-414-3

1. Estudos Bíblicos 2. História da Igreja 3. Teologia Reformada

CDD 270



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Caixa Postal 15.136 – CEP 01599-970 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Colaboradores 7

I. A HERANÇA REFORMADA: DA IGREJA MEDIEVAL AO LIBERALISMO PROTESTANTE

A. A igreja medieval	13
Peter A. Lillback, Anselmo e a lógica da expiação	13
B. A igreja e a Reforma	38
1. Os primeiros reformadores.....	38
a. João Calvino, <i>Cristo, o fim da lei</i>	40
b. Sinclair B. Ferguson, Manifestado na carne – João Calvino sobre a realidade da encarnação	56
c. Carl Trueman, Lutero foi evangélico?	71
2. Os puritanos.....	89
a. Frank A. James III, A influência puritana de Peter Martyr Vermigli.....	89
b. Joseph A. Pipa Jr., A pregação puritana	102
c. Joel R. Beeke, William Perkins sobre a predestinação, a pregação e a conversão.....	121
d. Richard Gamble, A disputa entre o rei e a igreja: a revolução de 1690 na Escócia presbiteriana	152
C. A igreja na Nova Inglaterra	169
1. Samuel T. Logan Jr., Jonathan Edwards e o reavivamento dos anos de 1734-1735 em Northampton	169
2. John Hanna, O amor como a base da Teologia: as implicações práticas da doutrina de Jonathan Edwards da habitação do Espírito	205
D. O liberalismo protestante e a herança reformada	217
1. William Edgar, A luz de Schleiermacher na restauração da França: os precedentes de Samuel Vincent e Merle d'Aubigné.....	217
2. W. Robert Godfrey, A luta pela ortodoxia na igreja cristã reformada	235

II. HERMENÊUTICA BÍBLICA REFORMADA E PRESBITERIANA

- A.** Douglas H. Shantz, *O estudo bíblico milenarista de Heinrich Horsch (1652-1729): A análise de um estudo de caso na hermenêutica reformada moderna* 251
- B.** Vern S. Poythress, *Presbiterianismo e dispensacionalismo* 275
- C.** Richard B. Gaffin Jr., *Teologia bíblica e os Padrões de Westminster* 285

III. MINISTÉRIO NA VIDA DA IGREJA

- A.** *Teologia prática* 305
1. Philip Graham Ryke, *Ministério pastoral em união com Cristo* 305
 2. Ronald E. Lutz e John V. Yenchko, *O calvinismo na prática e a igreja local* 323
 3. Dan G. McCartney, *A teologia do sofrimento – O sofrimento em Tiago* 337
- B.** *Cuidado pastoral: O aconselhamento de uma perspectiva reformada* 349
1. Jay E. Adams, *O aconselhamento bíblico e calvinismo na prática* 349
 2. David Powlison, *O calvinismo e o aconselhamento bíblico contemporâneo* 357

I

A herança reformada: da igreja medieval ao liberalismo protestante

A. A igreja medieval

ANSELMO E A LÓGICA DA EXPIAÇÃO

PETER A. LILLBACK

Algumas vezes, as pressuposições dos historiadores são sugeridas pelos títulos que eles atribuem às épocas históricas. Por exemplo, o período medieval da história da igreja abarca um longo intervalo de tempo, iniciando-se por volta de 600 d.C. e terminando logo depois de 1500 d.C. Mas, o que exatamente torna esse período a “Idade Média”, como sugere o epíteto “medieval”? Seria em razão de ele estar entre a vasta erudição do período clássico dos gregos e romanos e o restabelecimento dos estudos clássicos na Renascença? Ou será que é porque ele está situado entre o grande divisor de águas que foi a teologia patrística e o restabelecimento dos estudos bíblicos nas línguas originais que marcaram os humanistas do período da Reforma?

Outras vezes, as pressuposições historiográficas são francamente reveladas pela escolha de rótulos descritivos. Com isso, alguns nas tradições reformada e iluminista denominam o período medieval com o termo pejorativo de “Idade das Trevas”. Certamente, com o colapso do Império Romano no Ocidente e a resultante hegemonia das tribos bárbaras, a ordem social e os empreendimentos acadêmicos foram profundamente ameaçados. E, então, o que aconteceu com a luz do evangelho da graça pregado pelos apóstolos enquanto se desenvolvia o sistema medieval baseado no mérito? O que aconteceu à verdadeira religião enquanto o culto aos santos se desenvolvia e, posteriormente, foi misturado a uma adoração sincrética que aparentemente batizou antigos deuses pagãos atribuindo-lhes nomes cristãos? Porém, mesmo se reconhecermos que essa designação pejorativa é apropriada a esse período de declínio espiritual, cultural e intelectual, deve-se lembrar que luzes brilhantes de substancial glória podem iluminar os céus da meia-noite.

De fato, Anselmo, arcebispo de Canterbury (1033-1109) foi uma dessas luminárias no tenebroso firmamento medieval. Sendo o teólogo mais

influyente entre Agostinho e Tomás de Aquino,¹ fato evidenciado por seus escritos criativos e substanciosos,² muito da sua perspicácia teológica ainda reluz nas discussões teológicas e filosóficas contemporâneas.³ Ainda que pareça contraditório sugerir que um teólogo medieval tenha produzido um impacto duradouro tanto na teologia cristã quanto no pensamento filosófico, a obra de Anselmo desmente essa avaliação negativa quase unânime do período medieval.

Por outro lado, o fato de Anselmo ser apenas uma das muitas luzes que formam a constelação teológica medieval sugere que deve haver para esse período uma descrição melhor do que “Idade das Trevas”. Alguns, na tradição reformada, consideram esse período da História como “Cristandade” – uma contração de “Idade de Cristo” – um tempo em que a cosmovisão predominante julgava-se cristã e afirmava estar sob o governo de Cristo. Além disso, o Oriente ou a parte grega do Império Romano cristianizado, comumente chamado de Império Bizantino, nunca passou por um colapso intelectual e cultural como o que aconteceu no Ocidente. O Império Oriental floresceu até 1400, quando os turcos otomanos, com suas reluzentes espadas de conquista brandidas em nome da fé muçulmana, finalmente o conquistaram.

Além do mais, uma era que durou mil anos pode ser caracterizada por um simples conceito? Melhor que comprimir esse considerável período da vida da igreja numa descrição de tamanho único, será seguramente mais exato reconhecer esse milênio como uma conjunção de períodos menores, tendo cada um de seus séculos suas próprias características e preocupações distintivas. Como quer que se resolva o debate implícito na escolha de um título histórico, a Idade Média (designação com a qual me contento) não deve ser considerada exclusivamente como um tempo de trevas intensas e de sonambulismo teológico.

I. Um panorama da história da igreja medieval

Para iniciar o estudo da importância duradoura da visão de Anselmo da expiação de Cristo⁴ devemos localizar esse autor em seu contexto histórico mais amplo, com um breve esboço do perfil do período medieval. Seguindo o que já foi feito por outros, pode-se dividir o período medieval em três eras menores, cada uma refletindo uma motivação teológica dominante que expressa sua essência. *Primeiro*, o Período Beneditino, 600 d.C.-1000 d.C. (o período do crescimento vertiginoso da vida monástica sob a Ordem dos Beneditinos). *Segundo*, o Período da Escolástica, 1000 d.C.-1300 (da síntese teológica da filosofia redescoberta de Aristóteles com o pensamento cristão). *E terceiro*, o Período Nominalista, 1300 d.C.-1500 (a era da dissolução da

síntese medieval, caracterizada por um ceticismo em relação ao valor da filosofia para o desenvolvimento teológico).

O *Período Beneditino* (600-1000), então, foi um tempo de contínuo crescimento missionário da igreja. Os resultados eram vistos na Inglaterra, na Irlanda, na Alemanha, nos Países Baixos e na Itália. Por outro lado, houve perdas significativas na África do Norte, no Oriente Próximo e na Espanha em decorrência da nascente fé islâmica de Maomé. A vida espiritual da igreja era marcada por uma profunda preocupação com a salvação pessoal, o que estimulou um grande influxo às comunidades monásticas, as quais frequentemente eram regidas pela Norma de São Bento (Lei dos Beneditinos). Durante esse período se deu o estabelecimento do papado. Gregório, o Grande, por exemplo, afirmou que possuía um bispado universal conferido por Roma. O poder atribuído àquele que se assentava no trono do papado foi amplamente fortalecido pelo uso de vários documentos atribuídos ao imperador Constantino, os quais garantiam ao papa grandes poderes e muitas terras. Embora séculos depois os eruditos demonstrassem que esses documentos eram espúrios, a autenticidade deles foi imediatamente aceita, desse modo justificando as posses territoriais e o imenso poder do bispo de Roma. O domínio emergente dos papas na sociedade feudal finalmente os levou a embates com os reis, especialmente aqueles que tinham se convertido de suas religiões pagãs ao cristianismo, tal como a dinastia de Carlos Magno. Dessas disputas surgiu a questão da investidura, com o papa e os reis reivindicando o direito de preencher as vagas tanto no governo da Igreja quanto no do Estado.

O *Período Beneditino* também não foi isento de discussões teológicas importantes para a história da doutrina cristã. Nas questões debatidas e desenvolvidas durante esse período se incluem: a controvérsia monotelista (Cristo tem somente uma vontade, isto é, somente a vontade divina, ou duas vontades, uma completamente humana e uma completamente divina?), o iconoclasmo (os ícones podem ou devem ser utilizados no culto cristão?); o adocionismo espanhol (Como Jesus tornou-se o filho de Deus?), penitência e indulgências (o homem deve realizar algo para ser absolvido de seus pecados e, também, provar seu arrependimento com a finalidade de obter o perdão de seus pecados? Um pagamento financeiro pode substituir esses atos de arrependimento segundo a conveniência do penitente ou em benefício da igreja?), o primeiro debate sobre a Eucaristia na Idade Média (o qual antecipou algumas das principais teorias sobre a Ceia do Senhor que surgiriam na Reforma. Paschasius Radbert sustentava uma modalidade de transubstanciação; Rabanus Maurus falava da presença simbólica; Ratramnus sustentava a presença espiritual), a controvérsia a respeito da predestinação

(a dupla predestinação de Agostinho é um ponto de vista necessário ou mesmo legítimo para a igreja? Gottschalk foi preso por defender a doutrina de Agostinho); a controvérsia sobre a cláusula *filioque* (o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, ou apenas do Pai? Esse debate resultou no Grande Cisma entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas gregas). Portanto, até mesmo o início do período medieval foi rico em reflexões teológicas.

O *Período da Escolástica* (1000-1300) presenciou avanços missionários que causaram impacto na Escandinávia, na Rússia, na Boêmia, na Polônia e na Hungria. A vida espiritual da igreja havia sido negativamente impactada pelo seu grande crescimento, sucesso financeiro e opulência dos mosteiros. Esse é um fato irônico, visto que os mosteiros eram constituídos de pessoas que faziam voto de pobreza. Com isso, a vida monástica foi amplamente reformada pela influência do movimento monástico francês de Cluny, bem como pelo desenvolvimento de outras novas ordens, incluindo os dominicanos e os franciscanos. Porém, com o crescimento da igreja veio o trágico retrocesso do grande cisma que dividiu a igreja Igreja Ortodoxa da Igreja Católica Romana, em razão das diferenças quanto ao entendimento trinitariano de *filioque*, ou seja, se o Espírito Santo procede do Pai somente (ortodoxos) ou procede do Filho e do Pai (católicos). Quando Inocente III entrou no cenário político-eclesiástico, conduziu o papado ao ápice de seu poderio pela utilização da autoridade sacramental da igreja (particularmente pelo interdito, uma alegação de ter a autoridade de suspender a eficácia da graça do sacramento pela simples declaração papal) e pelas reivindicações políticas (a posse de duas espadas, o poder sobre a Igreja bem como sobre o Estado) para controlar e derrubar os reis. As Cruzadas, várias tentativas de tirar a Terra Santa do controle muçulmano, foram empreendimentos desse período, algumas vezes oferecendo indulgências plenárias para recrutar os soldados necessários para atacar as fortalezas muçulmanas.

Nesse período ocorreram também vários debates teológicos importantes que foram significativos para a história da doutrina cristã. Neles se incluem: o segundo debate sobre a Eucaristia (novamente uma antecipação dos debates da Reforma sobre a Mesa do Senhor), a teologia e a filosofia de Anselmo (especialmente seu argumento ontológico para a existência de Deus, e sua teoria substitutiva da expiação); a teologia de Abelardo (particularmente sua teoria da expiação pelo exemplo moral); a questão da reordenação dos sacerdotes e a necessidade da veneração da Virgem Maria. A criação de universidades em toda a Europa fez nascer formalmente a instrução teológica. Tópicos dos estudos universitários incluíam a lei canônica (a lei da igreja), a exegese quádrupla das Escrituras (significados tipológicos e alegóricos que iam além dos significados literal e gramatical das Escrituras) e o escolasticismo